

## RESUMO

Pretendo nesta comunicação discorrer o modo como Galeno concebe os estados da alma (saúde ou doença) como o resultado final da mistura ou temperamento do corpo, isto é, daquilo que se ingere e do modo como vivemos. Para isso irei me concentrar no pequeno tratado *As faculdades da alma seguem a mistura do corpo*, também chamado *A dependência que a alma tem do corpo*. Pode-se dividir o pensamento de Galeno sobre a natureza da alma e suas funções e relações com o corpo em duas concepções gerais: uma concepção materialista-dinâmica, na qual a alma depende da forma e da composição do corpo, e uma teleológica ou finalista-instrumental, na qual o corpo depende da alma. Na primeira caracterização, a alma (*psykhé*) é pensada como o resultado final dos elementos físicos do corpo, isto é, de seus humores e qualidades. Na segunda caracterização, o corpo depende da alma, na medida em que esta é pensada como o seu princípio ativo de transformação. No tratado em questão, Galeno afirma que o estado da alma (saúde ou doença) resulta, em última instância, da mistura do corpo, daquilo que se ingere e da maneira ou modo como vivemos. Baseado nessa concepção, o médico alexandrino arquitetarà sua reflexão moral e uma orientação dietética ou de regime de vida. Mais do que um princípio motor do corpo, a alma, aqui, surge como a sua consequência imediata. A intenção de minha comunicação é discutir a argumentação de Galeno e as suas implicações na constituição de uma terapêutica da alma (isto é, da conduta moral) que dependerá do regime de vida no seu sentido mais amplo.

## INTRODUÇÃO

Classificado pelo próprio Galeno como um comentário a Platão (cf. Galeno, 1997, p. 3-22), no pequeno tratado *As faculdades da alma seguem a mistura do corpo*, também chamado *A dependência que a alma tem do corpo* (193 d.C, doravante DAC) o médico de Pérgamo está fortemente convencido do poder que os fatores corporais exercem sobre a alma, isto é, da influência da mistura ou temperamento dos humores do corpo (*krásis*), chegando até mesmo a estabelecer uma identidade entre as “partes mortais” da alma, a *irascível* e a *concupiscível* ou *desiderativa* e o próprio corpo. Embora no plano da fisiologia da alma, Galeno sustente a dependência desta em relação ao corpo, no plano da fisiologia do corpo mantém uma total autonomia da alma, uma vez que é em função dela que o corpo é formado e de que as práticas pedagógicas e dietéticas são indicadas para o seu benefício e não para o corpo.

O DAC é um bom exemplo para se observar a constante tentativa de Galeno de conciliar o pensamento filosófico de Platão e Aristóteles com o seu pensamento médico, por sua vez, fortemente influenciado pela medicina hipocrática. Em outros textos terapêuticos, entre eles o *Sobre o regime*<sup>1</sup>, Galeno já havia apontado a importância da teoria humoral e da teoria dos seis fatores não-naturais para a saúde da alma.<sup>2</sup> A noção de saúde, desde Hipócrates, era de que esta envolvia certos tipos de práticas diárias constantes para a sua própria manutenção por meio das dietas e do regime de vida.<sup>3</sup> Tais dietas não se referiam apenas aos alimentos ingeridos, mas, sobretudo, aos fatores como banhos, massagens, exercícios físicos, exercícios passivos, e o clima.<sup>4</sup>

Na base dessa visão materialista está o distanciamento de Galeno em relação às teorias filosóficas da Antigüidade sobre a alma, que sustentavam na sua maioria que ela era uma entidade que sobreviveria a morte do corpo e se transmutaria em um outro modo de ser. Ao longo de sua vasta obra, Galeno oscila, ora afirmando que as três almas estão sediadas em órgãos específicos do corpo, portanto tão finitas e perecíveis quanto ele, ora postulando que a alma (racional) é fonte da percepção e da sensação e que

---

<sup>1</sup> Cf. *A Translation of Galen's Higiene*. Trad. De R. M. Green. Introd. de H. E. Sigerist. Springfield: ILL, 1951.

<sup>2</sup> Isto é, das coisas exteriores à natureza do homem como o ar e o meio, o exercício e o repouso, a alimentação e as bebidas, o sono e a vigília, a evacuação e a repleção e as paixões da alma. Cf. nota 3 abaixo.

<sup>3</sup> Dietas e regimes foram a tônica da terapêutica hipocrática. Cf., por exemplo, *Da natureza do Homem, Sobre o regime e Sobre o regime nas doenças agudas, Ares, águas e lugares*, entre outros.

<sup>4</sup> No comentário ao *Tegni* de Galeno, chamado *Isagoge*, Joahnnitius (Hunain Ibn Isháq), médico e tradutor nestoriano do século IX, resume os principais conceitos da medicina galênica: a medicina teórica é subdividida em três partes essenciais: as *coisas naturais*, as *não-naturais* e as *contra-naturais*. As *coisas naturais* são sete: os *elementos* (água, fogo, terra e ar); as *misturas* ou *temperamentos* (úmido, seco, quente e frio e suas combinações possíveis); os *humores* (sangue, fleuma ou pituíta, bÍlis negra e bÍlis amarela); os membros do corpo (cérebro, coração, fÍgado e testÍculos, concebidos como principais e os nervos, veias, artÍrias e vasos espermáticos, considerados secundários); as *faculdades naturais* (potencialidades de cada parte do corpo, como a nutrição, crescimento, atração); as *funções* (*atividade* ou o trabalho e ação das partes); os *espÍritos* (natural, vital e animal) e quatro *coisas naturais* adicionais: as faixas etárias (infância, adolescência, juventude, maturidade e velhice); a cor das partes do corpo; o estado do corpo, e as diferenças sexuais. Das *sete coisas não-naturais*, todas externas ao corpo, eram citados o clima, os exercícios físicos, banhos e dietas, o sono e a atividade sexual e as emoções ou acidentes da alma. Dos *contra-naturais*: as doenças, classificadas em relação aos sintomas, aparência, partes do corpo afetadas e suas causas. A medicina *prática* lidaria com a conservação da saúde que deveria ser mantida considerando-se as *seis coisas não-naturais*. O *Isagoge* fez parte dos manuais de ensino de medicina da Escola de Salerno até o século XVIII (Cf. O'Boyle, 1998 e Pesenti, 1992).

sobreviveria a ele. Em outras palavras, Galeno oscila entre a doutrina da alma separada, imortal e um tipo de materialismo que equipara a alma com os seus elementos físicos. Essa oscilação é percebida ao longo dos diversos tratados de Galeno que, pelo fato de concentrarem diferentes teorias fisiológicas, terapêuticas e morais, dificultam o entendimento das possíveis relações entre elas.

Por exemplo, no tratado *Sobre os temperamentos*, a teoria humoral explica a fisiologia que rege o corpo; no DAC, essa teoria tem uma conexão com a explicação das características individuais; nas *Faculdades naturais*, a teoria dos poderes ou faculdades da alma (*dynameis*) explica o funcionamento do corpo em termos de ações ou atividade dos órgãos e no *As opiniões de Hipócrates e Platão*, Galeno estende essa teoria à explicação da natureza do funcionamento psicológico; no *Sobre a utilidade das partes do corpo humano*, Galeno explica a estrutura de cada parte do corpo em termos do propósito final para o qual ela foi construída; em certos trabalhos, descreve o corpo a partir da sua substância homogênea (por exemplo, sangue, carne e ossos) e órgãos (por exemplo, baço e fígado); em outros tratados, considera a importância do *pneuma* no funcionamento fisiológico; por fim, em alguns tratados clínicos, discute as características das doenças, muitas vezes sem recorrer às teorias acima citadas.

O que particularmente nos interessa aqui é entender como Galeno conciliou a idéia de que a construção do corpo tem uma relação causal alma-corpo e o estado da alma tem uma relação causal corpo-alma. Ou seja, de que maneira Galeno conciliou uma visão materialista com uma visão finalista da alma sem entrar em contradição consigo mesmo ou com o seu sistema filosófico-médico. É claro que, como foi dito, Galeno está tentando conciliar Platão e Aristóteles com a sua própria interpretação da medicina hipocrática. Além disso, e essencialmente, o contexto do DAC é o contexto moral e não fisiológico. No contexto moral são levadas em consideração as características particulares de cada homem e não as suas características anatômicas e fisiológicas comuns. Assim, no nível anatômico e fisiológico, isto é, no nível da fisiologia do corpo, as explicações teleológicas seriam as mais adequadas, enquanto que no nível moral e clínico, ou da fisiologia da alma, as explicações materialistas seriam mais adequadas.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Cabe lembrar que o materialismo de Galeno não é do tipo atômico ou de partículas, mas de elementos e qualidades (a mistura, no sentido de *dynameis*), por isso o chamarei de qualitativo ou dinâmico.

#### A CONCEPÇÃO MATERIALISTA-DINÂMICA

Pode-se dividir o pensamento de Galeno sobre a natureza da alma e suas funções, bem como a maneira por meio da qual ela interage com o corpo em duas concepções gerais: uma concepção *materialista-dinâmica*, na qual a alma depende da composição do corpo; e uma *teleológica* ou *finalista instrumental* na qual a forma do corpo depende da alma.

Na primeira caracterização, a alma (*psykhé*) resulta da mistura ou temperamento do corpo (*krásis*). Nesse sentido, o corpo é visto como um *princípio de transformação* da alma. Isso significa que a alma (*psykhé*) é o resultado final da interação dos elementos físicos do corpo, isto é, das suas qualidades humorais (quente/frio e úmido/seco). No DAC, Galeno afirma que o estado da alma, resulta, em última instância, daquilo que ingerimos e da maneira como vivemos. O tratado em questão é um comentário crítico de Galeno às concepções de Platão acerca da imortalidade da alma e sua independência em relação ao corpo, apesar da proposital ausência de explicação por parte de Galeno sobre o caráter substancial da alma. Galeno não afirma se a alma é ou não uma substância corpórea ou incorpórea, se ela é invisível ou visível, perecível ou eterna (Cf. *A formação do embrião*, 701-702). Singer comenta que Galeno fornece várias e nenhuma explicação sobre a substância da alma: ela foi definida, dependendo do contexto e da intenção de Galeno como alma racional, alma enquanto função do coração (ira e cólera, *thymos*) e do fígado (apetite e desejos); entidade espiritual ou o aspecto moral e emocional; alma no sentido fisiológico; fonte da percepção e do movimento voluntário e por fim uma alma humoral (1997, p. xvii).

Será nessa alma que Galeno depositará toda a sua reflexão moral e a orientação dietética ou de regime de vida. Mais do que um princípio motor do corpo, a alma, aqui, surge como a sua consequência imediata.

Para demonstrar que a alma é escrava dos temperamentos do corpo Galeno tece um conjunto de perguntas retóricas dirigidas a todos aqueles que se consideram seguidores de Platão. Entre elas, por que a alma abandona o corpo quando o cérebro tem a sua temperatura alterada se ela é completamente independente dele, como se afirma? Se a alma é imaterial, isto é, se não existe ação (da mistura) do corpo sobre ela, porque

o abandona quando ele está muito quente ou muito frio? E embora Galeno não teça nenhuma afirmação categórica afirmativa ou negativa sobre a natureza espiritual ou não-corpórea da alma, ele indaga como ela poderia fazer parte dele e por ele se espalhar não sendo material? Como explicar a melancolia e o delírio? A primeira decorrente de um excesso de bílis negra, a segunda de bílis amarela? Como explicar o efeito do vinho, que torna as pessoas mais doces? E os venenos, que segundo Galeno causam a separação da alma e do corpo? E a falta de umidade no cérebro que comprovadamente leva ao entendimento na alma e o excesso de umidade à loucura?<sup>6</sup>

Fazendo uso de passagens cuidadosamente escolhidas do *Timeu*, das *Leis*; dos tratados biológicos de Aristóteles e do *Corpus hippocraticum*, Galeno endossa as suas próprias afirmações com passagens extraídas das autoridades clássicas.

Galeno cita as passagens 43a; 43b; 44a-b; 86e-87a; 86a; 86d-86e do *Timeu*, e fazendo a sua própria interpretação de Platão, afirma que a mistura do coração é a parte irascível da alma e a mistura do fígado é o que Platão chamara de parte desiderativa da alma e Aristóteles parte nutritiva e vegetativa. Das *Leis* Galeno comenta a passagem II 747d; II 674a; e II 666-c, nas quais concorda e justifica a proibição da Lei Cartaginense da ingestão de vinho pelos jovens, ponderando que ambos possuem a mesma constituição quente e sanguínea, portanto, a mistura resultaria sempre em um excesso.

Do tratado *Partes dos animais* cita os Livros II 2 648 e II 4 650a-651a, onde Aristóteles afirma que as faculdades da alma dependem da mistura do sangue da mãe; o L II 4, onde afirma que a coragem e a inteligência dependem de um sangue quente, espesso e puro e as potências ou faculdades da alma dependem da natureza do corpo; cita ainda, a passagem do Livro X 620 do *Problemata*; e as passagens I 8 491b; I 9 491b; e II 10 491b-492a-b da *História dos animais*.

Do *Corpus hippocraticum* Galeno cita profusamente os tratados *Ares*, *águas e lugares*, especialmente os caps. 12, 16, 23 e 24, os quais versam sobre a influência dos fatores físicos, tais como o clima e a temperatura, na conformação e no comportamento dos indivíduos; o *Epidemia* Livros V e VI onde é afirmado que a índole da alma depende inteiramente dos elementos básicos: da proporção de fogo e água nela contida

---

<sup>6</sup> As doenças mentais ou afecções da alma mais citadas na medicina de Galeno são a melancolia, mania, frenite, ira, desejo excessivo e insaciabilidade, todas concebidas como uma doença da alma causada pelo corpo.

(VI 518), da constituição corporal do indivíduo (VI 522) e da dieta e higiene de vida, que podem até mesmo melhorar o grau de inteligência (VI 522).

Para os médicos hipocráticos, a alma é pura consciência capaz de experimentar emoções (V 348); ela age sobre o corpo, como a felicidade e o medo (V 316); e este age sobre a alma, como no caso da atração sexual (V 346, 488-490). Enquanto agente do pensamento, da inteligência e da consciência psicológica, suas funções são respectivamente intelectivas, afetivas e estimativas. Enquanto função intelectual, a alma é responsável pelo conhecimento, enquanto função afetiva, a alma é o órgão que sente o prazer, a alegria e a dor; enquanto estimativa, a alma é um instrumento do conhecimento do bem e do mal; do agradável e do desagradável, do útil e do inútil, tendo o cérebro como intérprete. No *Ares, águas e lugares*, o caráter das pessoas depende das estações, do clima, da temperatura e das características geográficas.

Na passagem 773-4 do DAC, o argumento de Galeno para provar o caráter material da alma pode ser assim reconstruído:

- a alma possui três partes e cada uma delas possui uma sede, um *locus*: cérebro, coração/pulmão e fígado;
- cada parte da alma (entendida como um órgão da alma) possui a sua própria substância (a carne do órgão físico que lhe corresponde);
- a substância, como havia afirmado Aristóteles, é matéria e forma;
- a matéria é composta pelos quatro elementos/qualidades que formam a base de todas as coisas;
- a alma, como Aristóteles a define, é a forma do corpo, o seu princípio de construção;
- a forma é, então, a mistura das qualidades; assim, a alma é também composta por tal mistura.

Obviamente, o inusitado do argumento está na identificação da *forma* aristotélica com a *mistura* ou o *temperamento* do corpo. A interpretação não é exclusiva de Galeno, mas havia sido feita anteriormente por Alexandre de Afrodísia, o *Exegeta*.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Alexandre de Afrodísia (passagem do II ao III séc.) nasceu em Afrodísio, na Cária, pequeno país da Ásia Menor, sobre o mar Egeu, exercendo suas atividades pelos anos 200 d.C. Considerado o grande comentador de Aristóteles, lecionou no Liceu de Atenas, ao tempo do Imperador Septímio Severo (192-211). Seus escritos se conservaram em grande número, destacando-se os comentários aos *Primeiros analíticos* (I), aos *Tópicos*, à *Meteorologia*, ao *De sensu e à Metafísica* (I-XII) de Aristóteles. Alexandre publicou os *Sobre a alma*, *Sobre o destino*, *Sobre a mistura*, *Problemas e soluções de física e ética*. Suas obras na Idade Média foram traduzidas para o latim por Moerbeke e a primeira edição completa foi realizada por H.

O ponto alto dessa interpretação particular de Galeno ocorre na passagem 807-8 do cap. 9 do DAC. Nela, Galeno fornece uma explicação puramente fisiológica (eu diria mesmo “mecânica”) de como a mistura interfere no estado da alma: tudo que é ingerido isto é, o ar (*pneuma*), os alimentos e as bebidas segue para o estômago onde sofre um primeiro processo de transformação; em seguida, por meio dos vasos (veias e artérias) segue para o fígado, onde são produzidos os humores do corpo (*sangue, fleugma, bílis negra e bílis amarela*) que serão distribuídos para as suas partes principais (cérebro, coração e o próprio fígado). Galeno sugere que as *faculdades naturais* estão de alguma forma conectadas às fibras que revestem os órgãos e que dependem da sua qualidade principal, o *quente*, o *frio*, o *seco* e o *úmido*.

O processo, assim descrito no DAC, não chega aos pés da explicação fisiológica muito mais sofisticada da produção dos *espíritos naturais, vitais e animais* (ou *psíquicos*), como veremos à frente. E não poderia ser diferente, uma vez que o DAC é um tratado moral e não fisiológico, o que justifica tal limitação. Mas é curioso pensar que Galeno nem sequer chega a apontar a relação lógica-causal entre os alimentos, as *faculdades*, os *princípios* e os humores e as suas qualidades respectivas. Mais uma vez, as explicações ocorrem em níveis teoricamente separados. No DAC, as explicações se dão no nível das partes homogêneas, como o sangue, e não no das *faculdades naturais* e dos *espíritos naturais, vitais e animais*. E o sangue, como veremos no próximo tópico, resulta dos alimentos ingeridos e do arranjo de suas qualidades (*dynameis*).

#### A CONCEPÇÃO TELEOLÓGICA OU FINALISTA INSTRUMENTAL

Na segunda acepção, a teleológica ou finalista instrumental, o corpo depende da alma, na medida em que esta é pensada como o seu princípio ativo de transformação. Enquanto princípio de transformação, a alma é causa final e formal do corpo, fazendo dele apenas seu instrumento. Tal causalidade pré-determina a vida e lhe fornece sentido, isto é, propósito e utilidade. Para dar conta dessa tarefa a alma age no corpo por meio das *faculdades naturais* e dos *espíritos naturais, vitais e animais*.

---

Bonitz (1847), superada posteriormente pela de Hayduck.

No tratado *Sobre a utilidade das partes do corpo humano*,<sup>8</sup> Galeno afirma que a alma é dotada de diversas faculdades; “uma vez que o corpo é um [todo] e cada parte é uma [parte do todo]”,<sup>9</sup> cada parte é também um instrumento da alma que possui uma utilidade que dela depende; cada órgão é feito para assegurar uma função determinada que uma vez realizada atinge a sua utilidade ou o seu propósito particular. Mas, as *faculdades naturais* que colocam as partes em movimento antecedem as suas próprias estruturas. Essa antecedência caracteriza a teleologia ou o finalismo de Galeno. Vejamos isso com maior detalhamento.

Como é bem sabido, a arquitetura teórica finalista de Galeno segue a orientação aristotélica, embora uma importante alteração lhe seja feita. Nos tratados *De anima* e *Parva Naturalia*, a alma é a *enteléquia* de um corpo que tem a vida em potência. Ela é a atualização de um corpo, a *forma* dos seres vivos que se realiza a partir de causas eficientes que agem sobre a matéria (causa material ou pura potência) orientada ou dirigida pelas causas formais e finais. Enquanto *enteléquia* de um corpo vivo, a alma orienta e conduz a matéria dos seres vivos à realização de sua finalidade, à atualização de suas potencialidades. O corpo é concebido como seu instrumento e ela é considerada princípio motor que anima o ser vivo e lhe fornece movimento e mudança.

Mas a concepção finalista de Galeno difere da de Aristóteles, pois neste o finalismo está relacionado essencialmente com a *forma* do corpo enquanto resultado final da ação das causas formais e finais. Em Galeno, o finalismo é do tipo órgão-função: cada órgão é feito para assegurar uma função determinada que possui uma utilidade particular. A fórmula de Aristóteles segundo a qual a natureza não faz nada em vão transforma-se em Galeno na afirmação de que uma providência divina inteligente e bondosa cria e mantém o ser vivo de tal forma para que ele seja dotado de órgãos adaptados a realizar tal ou qual função que possui tal ou qual utilidade. Na passagem 636 do Livro II do pequeno tratado *Sobre os temperamentos*, Galeno afirma que é um erro pensar que os humores são a única causa natural do corpo. A causa é divina e os

---

<sup>8</sup> Nessa obra, Galeno procura mostrar para que servem as diferentes partes do corpo. No Livro I, cap. 8 e 9 e no Livro XI, cap. 7, apresenta a regra geral para reconhecer num animal quais as suas partes mais importantes. A base da distinção é a utilidade. No Livro VI, cap. 12, apresenta cinco razões ou causas para se determinar a importância de uma parte do corpo: “*por que uma coisa existe?; para que ela existe? (ou qual é a sua função?); qual é a sua origem?; ela age por quais meios?; ela é feita segundo o quê?*”. Cf. Galeno, 1994, v. 1; Galeno, 1854-1856, v. 1, p. 168-706.

<sup>9</sup> Assim como afirmara Aristóteles que “o corpo é um órgão composto de órgãos”.

humores são apenas instrumentos da alma (Cf. Galeno, 1997, p. 261). O ser vivo é considerado uma máquina fabricada pelo criador da melhor forma possível e a sua maquinização se dá graças às *faculdades e aos espíritos naturais*, verdadeiras forças miraculosas que realizam todas as atividades fisiológicas e corporais.

A crença de uma providência onisciente e racional que regula o mundo, criando dessa maneira uma ordem pré-estabelecida, é uma entre as tantas heranças deixadas pela educação estoíca de Galeno. A conciliação do finalismo aristotélico e do determinismo providencial dos estoícos permitiu a Galeno elaborar uma teoria fisiológica e anatômica que partia da descrição física de cada parte do corpo (*história*) buscando a compreensão de qual seria a sua função (*uso e utilidade*) no sistema corporal. Cada parte do corpo é um instrumento, uma ferramenta independente que possui uma utilidade bem definida, a qual justifica a sua existência e a sua estrutura ou forma anatômica, chamada *história* das partes. Cada órgão é feito para cumprir uma função determinada que tem uma utilidade ou um propósito particular. A função e a utilidade são realizadas graças a um conjunto de propriedades providenciais da alma, as *faculdades naturais*. Verdadeiros princípios vitais (e não mecânicos) estas propriedades dirigem as ações corporais, completando o esquema explicativo de Galeno *história-uso-utilidade e ação ou atividade*.<sup>10</sup> Essa atividade ou movimento das partes se aproxima das causas eficientes de Aristóteles, na medida em que realiza o propósito ou a finalidade das partes. Cada processo fisiológico tem uma *faculdade natural* que o explica. Em outras palavras, a *faculdade natural* é uma explicação da capacidade das partes. Ela substitui o calor e a alma nutritiva de Aristóteles na explicação do funcionamento do corpo, ocupando o lugar de um princípio ativo de transformação.

Segundo Galeno, as *faculdades naturais* são de dois tipos: aquelas que agem sobre todo o corpo e aquelas que são particulares a cada órgão. Podem ser *nutritivas, atrativas, retentoras, expulsivas, sangüificadoras, neurificadoras* e cada uma delas pode compreender outras, como a *faculdade*, que é ao mesmo tempo *alteradora, aglutinadora, retentora e aumentativa*. Mas elas não seriam as únicas responsáveis pela dinâmica fisiológica ou corporal.

A fisiologia de Galeno é determinada pela necessidade de produção dos *espíritos naturais, vitais e animais* (ou *psíquicos*), respectivamente responsáveis pela

<sup>10</sup> Tal esquema explicativo é demonstrado no tratado *Sobre a utilidade das partes*. Cf. Galeno, 1979; Galeno, 1994, v.1, e Galeno, 1854-1856, v.1, p. 168-706.

nutrição, refrigeração e vivificação corporal e pela sensibilidade, movimento e pensamento. O fígado é *arché* das veias e principal órgão no processo de sangüificação. O coração é fonte e sede do calor inato que, resfriado pelo ar que penetra nos pulmões, se espalha pelas artérias do corpo. O cérebro é *arché* dos nervos e o principal órgão da sensibilidade, do movimento e do pensamento, onde são formados os *espíritos animais*.

Segundo Galeno, cada uma das metades do coração faz parte de um dos dois sistemas de vasos que desde antigamente<sup>11</sup> acreditava-se que eram anatomicamente independentes e preenchidos por conteúdos diferentes: o sistema de vasos relacionado com o lado direito do coração, formado pelas veias e chamado de *sistema venoso* ou *sistema sangüíneo* (pois as veias contêm apenas sangue) e o sistema relacionado com o lado esquerdo do coração, com as últimas ramificações da *traquéia artéria* e com o pulmão, chamado *sistema arterial, aéreo* ou *espirituoso* (pois contém sangue impregnado de *espíritos vitais* produzidos no coração a partir do ar aspirado).

O quilo, uma vez formado no estômago e no intestino, é carregado por pequenas veias que gradualmente confluem em outras veias mais grossas até formarem a veia porta, que leva esse nome por que é concebida como *a porta de entrada* do fígado (*Sobre a utilidade das partes*, L IV, 1-13). Os alimentos sofrem uma primeira preparação no intestino e nas veias mesentéricas (*Sobre a utilidade das partes* L IV, 2-3). Ao chegar ao fígado, o quilo sofre uma segunda cocção que elimina as suas impurezas, que serão em parte enviadas à vesícula biliar e, em parte, *atraídas* ao baço e aos rins para serem expulsas. No fígado, acontece a *sangüificação* onde o sangue é aperfeiçoado, adquire a sua coloração vermelha e recebe os *espíritos naturais* aí produzidos (*Sobre a utilidade das partes* L IV, 3).

O sangue formado no fígado segue para a veia cava e daí se divide: uma parte segue para a aurícula direita e para o ventrículo direito cuja própria dilatação ativa e retração subsequente fazem o sangue fluir e refluir alternativamente dentro das veias. A outra parte segue para a parte superior do corpo por meio da veia cava superior. As veias distribuem o sangue pelo corpo, irrigando-o com os *espíritos naturais* e recolhendo dele as suas impurezas e fuliginosidades. A passagem do sangue por meio das veias é possível por causa das suas paredes finas que lhe permitem sair sem impedimento; cada parte do corpo possui propriedades atrativas e seletivas do sangue,

---

<sup>11</sup> Platão, *Corpus hippocraticum*, Praxágoras de Cós, Aristóteles, Heróphilos e Erasítrato.

isto é, o sangue é *atraído* pelo vazio das veias. Como o sangue é consumido pelas partes do corpo, deve ser repostado pelos alimentos que fornecem o seu substrato básico. Os órgãos pesados e densos, como o fígado, retêm mais sangue que os órgãos mais leves, como o pulmão, que se nutre apenas de sangue espirituoso. O pulmão é o órgão da voz e da respiração, cuja função principal é resfriar o coração (*Sobre a utilidade das partes* LVI, 2.). A traquéia e as artérias formam um único sistema de vasos que se comunica entre si. Para Galeno, a respiração extrai o *pneuma* da Alma do Mundo por meio da *traqueia arteria*, para enviá-lo ao coração que, por meio da *arteria magna* (aorta) e de seus ramos, o distribui para o corpo. O *pneuma* é recolhido do pulmão pela artéria com paredes de veia, a *arteria venosa* (hoje, veia pulmonar) e levado por ela à aurícula esquerda do coração, para Galeno apenas um lugar de passagem entre a *arteria venosa* e o ventrículo esquerdo do coração, não possuindo qualquer papel ativo.

Uma pequena quantidade de sangue do coração direito é filtrado através do *septo ventricular poroso*, para o coração esquerdo; o sangue do coração direito, rico em *espíritos naturais* entra em contato com o *pneuma* do coração esquerdo, trazido do pulmão pela veia pulmonar; o *pneuma* reacende o calor inato do coração dando nascimento aos *espíritos vitais* que se incorporam ao sangue, purificando-o e transformando-o em sangue espirituoso, seco e de coloração clara. O ar que chega ao coração contribui para a liberação da exalação ou do vapor vital, além de refrigerar diretamente o pulmão e indiretamente o coração, diminuindo o excesso de calor nele gerado.

As artérias mais altas do cérebro formam um *plexo retiforme*. Quando o *espírito vital* chega aos vasos que compõem o *plexo retiforme* transforma-se em espírito animal, dirigido aos nervos que são considerados canais vazios. O *espírito animal* é uma substância, o primeiro instrumento da alma que reside no cérebro.

Os *espíritos naturais* são, assim, a base dos *espíritos vitais* e dos *espíritos animais*. Como são elaborados a partir dos alimentos, estes determinam, em última instância, a qualidade e a natureza de tais *espíritos*, que conseqüentemente determinam a matéria do corpo e o estado da alma. Esta é uma explicação fisiológica que não é feita no DAC, mas que já se encontrava disponível nos tratados médicos hipocráticos e em outros tratados de Galeno. Como afirmado acima, no DAC, as explicações são feitas no

nível das partes homogêneas e não no das *faculdades naturais* e dos *espíritos naturais, vitais e animais*.

FICA A MORAL, EM GALENO, REDUZIDA À HIGIENE?

Para muitos, o DAC é um tratado moral inspirado, sobretudo, em Pitágoras e Platão. A argumentação inicial do tratado parte da observação empírica de que a alma das crianças difere em substância (*ousia*): segundo Galeno, a natureza da alma não é a mesma em todas as crianças, pois existem diferenças de substância, atos e afecções, isto é diferenças das faculdades ou potências da alma tais como a coragem, a timidez, a gula e a modéstia (DAC 2, 769-70). Tais diferenças forneceriam evidência de que as várias faculdades da alma dependem da mistura do corpo. Para Galeno, existiriam diferenças inatas nas faculdades de cada uma das três formas ou partes da alma: a racional, a irascível e a desiderativa. Tais diferenças dependeriam, em última instância, da relação que cada uma delas possui com as partes do corpo as quais correspondem. Uma vez que a alma racional deseja a verdade, o conhecimento e o entendimento; a alma irascível deseja a liberdade, a vitória, o poder e a honra; e a alma desiderativa deseja os prazeres do corpo, da mesa e do vinho, tais desejos são compreendidos como uma *capacidade* da alma que é produzida e sediada respectivamente na cabeça, no coração e no fígado, logo, compartilha com tais órgãos o seu caráter material-qualitativo (quente/frio e seco/úmido). As partes mortais da alma, a irascível e a desiderativa, seriam essa própria mistura.

Como vimos na primeira parte de nossa comunicação, ao identificar a *forma* aristotélica com a mistura qualitativa do corpo, Galeno pôde afirmar que a alma resulta daquilo que ingerimos e da maneira como vivemos, o que implica afirmar a materialidade da alma. Neste ponto, Galeno se afasta da concepção de Platão sobre a imaterialidade da alma racional, localizada no cérebro.

No *Timeu*, Platão apresentou uma teoria completa da alma e de suas faculdades, hierarquia e funções: a alma humana é a contrapartida microscópica da Alma do Mundo, concebida como princípio de vida imortal que existe antes e após a morte do corpo. Platão concebeu três almas: uma alma imortal racional alojada na cabeça (face e

cérebro), responsável pelas faculdades do conhecimento. O princípio divino em nós; uma alma mortal e de baixos instintos, apetitiva ou concupiscente (pois busca os prazeres carnis), alojada no abdômen (estômago, fígado, baço e intestino), responsável pelas funções vegetativas, ou seja, nutrição e geração; e uma alma mortal intermediária, irascível ou colérica, localizada entre o fígado e a cabeça, alojada no coração e pulmão, responsável pelos altos instintos de proteção ao corpo.

A alma racional, sediada na cabeça, e a alma mortal ou apetitiva, sediada no fígado, emitiriam ordens para o coração, considerado o centro que comanda o corpo, bem como sede do calor inato e responsável por sua refrigeração. O sistema vascular, uma verdadeira rede de irrigação, permitiria que o sangue irrigasse o corpo a maneira do fluxo e do refluxo do mar e dessa maneira o ser vivo seria nutrido, aquecido e animado. O sangue proviria dos alimentos e a saúde era concebida como um duplo equilíbrio: em primeiro lugar, entre os quatro elementos que compõem o corpo e em segundo lugar, entre o equilíbrio do corpo e da alma.

Fortemente influenciado por Sócrates, para quem a alma é o centro do homem, responsável pela razão moral e fonte suprema dos valores humanos, Platão estabelece uma relação estreita entre os movimentos das três almas entre si e os seus efeitos no corpo (por meio da medula, que justamente conecta a cabeça, o coração e o fígado, permitindo o fluxo contínuo da alma). A alma comanda o corpo e essa união traz consigo várias implicações éticas. As doenças da alma, classificadas em loucura e ignorância foram consideradas ou perturbações causadas pelo corpo ou por excesso de prazeres, como a intemperança sexual, quando ocorre uma inundação do corpo causada pelo sêmen e por sua umidade, por fortes dores físicas ou ainda por más instituições, como a má educação e as más companhias (*Timeu*, XLI 86b). Como para Platão ninguém é mau por deliberação própria (inatismo moral do qual Galeno discorda), os homens só se tornam maus por educação mal dirigida ou alguma disposição viciosa do organismo. Assim, Platão afirmou:

(...) quando os humores erram pelo corpo sem encontrar uma saída agitam-se, e os seus vapores se misturam com a alma, perturbando-a. Dirigindo-se a uma das três sedes da alma, produzem

formas de morosidade e desalento, audácia ou timidez, esquecimento ou preguiça mental (*Timeu* 87a).<sup>12</sup>

O objetivo de Galeno no DAC é antes de tudo pedagógico. Ele quer demonstrar a importância do regime de vida e da dieta para a boa conduta moral. Ele próprio reconhece que reduzir a moral à higiene pode se constituir na negação da própria liberdade e autonomia da esfera moral e pergunta “como alguém poderia ter boas ou más qualidades que não dependem das suas escolhas morais, e sim daquilo que ingere e da maneira como vive”? (DAC, 815). E a resposta está no fato de que embora o temperamento do corpo decida a conduta moral, possuímos uma capacidade inata de preferir e buscar o bem e fugir e se afastar do mal (DAC, 815-816).

A argumentação é erigida sobre a refutação de duas teses da época: a dos estoícos, que afirmavam que todos se inclinariam para a virtude; e a tese daqueles que afirmavam que ninguém escolheria a virtude naturalmente, ou seja, ninguém se inclinaria espontaneamente para a virtude, daí a importância da educação moral. Os estoícos acreditavam que os homens eram naturalmente qualificados para a aquisição da virtude, embora pudessem ser desviados dela pela influência daqueles ao seu redor. Onde viria então, indaga Galeno, a maldade do primeiro homem, uma vez que não possuía nem pais e nem mestres? Além disso, como explicar que os diversos filhos de uma mesma família que frequentam as mesmas escolas e ambientes possam ser tão diferentes?

---

<sup>12</sup> Aristóteles havia concebido três faculdades ou funções distintas da alma: uma alma presente nas plantas: a *alma nutritiva*, própria dos animais e vegetais, responsável pela vida vegetativa (nutrição e geração animal); uma outra presente nos animais: a *alma sensitiva*, própria dos animais, responsável pela vida de relação, sensibilidade, motricidade e desejos; e por fim, uma alma presente apenas nos homens: a *alma racional*, própria do homem, responsável pelo pensamento ou vida intelectual e pela vontade. Aristóteles elabora uma teoria da virtude entendida como a disposição para agir segundo a *justa medida*. Cada virtude é pensada como o termo médio entre dois extremos. Por exemplo, a coragem é o termo médio entre a temeridade e a covardia, cujo excesso ou falta são considerados vícios. A apreensão da justa medida se dá com o apoio da prudência ou *razão prática*, distinta da razão científica, pois esta é conhecimento e aquela, sabedoria. É esta razão que permite aos homens fazer escolhas acertadas. Mas a virtude é uma maneira de agir que depende da percepção moral contínua e constante. Assim como Aristóteles, Galeno sustentou que a virtude se adquire sendo virtuoso, na própria ação de ser virtuoso e que não dispõe de regras de conduta previamente estabelecidas, como julgara Platão.

Galeno simpatiza com a concepção de Posidônio de Apamea (I d.C.), filósofo estoíco menos ortodoxo, de que o mal não viria de fora, mas estaria dentro de nós. Segundo Posidônio, temos uma semente do mal que é adubada pelo ambiente, pelos maus hábitos e erros da alma. Essa semente precisa encontrar um terreno para crescer. Esse terreno depende do regime de vida e do nascimento. Mas ambos apenas nos levariam a uma conduta moral previamente estabelecida ou acordada entre os pares de uma comunidade, pois a nossa capacidade inata de preferir e buscar o bem e fugir e se afastar do mal antecederia a higiene e o regime de vida e não o contrário. Nesse sentido, o desvio seria uma conseqüência direta de uma vida desregrada e da ingestão de alimentos e bebidas nocivos ao corpo.

Num outro tratado diretamente relacionado com o DAC, *As paixões e os erros da alma*, Galeno demonstra como os erros e as paixões da alma podem ser controlados. Ali, Galeno define a paixão ou a afecção como aquilo que resulta de um poder ou um impulso irracional em nós, como o medo, a raiva, a inveja e os desejos excessivos, originado nas duas almas irracionais, a apetitiva e a irascível. O erro, por sua vez, seria aquilo que resulta de uma falsa opinião. O método que Galeno propõe para o controle das paixões segue o seu próprio modelo de prática médica: ao levantar pela manhã a pessoa deve perguntar a si própria se ela quer ser livre (usar a razão) ou ser escrava de suas paixões; se ela opta conscientemente por se libertar das paixões, deve buscar uma pessoa sábia que possa orientá-la e revelar-lhe quais paixões a estão dominando, pois sozinha não poderá enxergar as suas próprias fraquezas; após o conhecimento de suas fraquezas, resultado do diagnóstico feito pelo sábio, deve buscar a sua orientação sincera e praticar a moderação e o autocontrole com disciplina constante para não mais sucumbir a tais paixões.

Sendo a paixão uma força irracional em nós, uma besta que deve ser domada, o trabalho consiste no autocontrole e na temperança de tudo aquilo que, almejado pelas almas irracionais, coloca em risco a própria razão, considerada como a capacidade de discernir o certo e o errado, o justo e o injusto, aquilo que é bom para o espírito e conseqüentemente para o corpo; e da mesma forma, aquilo que é bom para o corpo e conseqüentemente para o espírito. Daí a importância central das dietas e do regime de vida.

REGINA ANDRÉS REBOLLO  
Professora Doutora da Faculdade de Filosofia  
Universidade São Judas Tadeu, Brasil  
prof.haniger@usjt.br

#### ABSTRACT

In this paper I intend to deal with the way Galen conceives the states of the soul (health or illness) as the final result from the body's mixture of what is ingested with the way we live. For this I will focus on the small treat *The Faculties to the Soul Follow the Mixture of the Body*, also called *The Soul's Dependence on the Body*. The thought of Galen can be divided in the nature of the soul and its functions and relations with the body in two general conceptions: a dynamical materialistic conception, in which the soul depends on the form and the composition of the body, and as a teleological or finalist–utilitarian, in which the body depends on the soul. Concerning the first characterization, the soul (*psykhé*) is the final result of the physical elements of the body, that is, of the qualities and moods that compose it. In the second characterization, the body depends on the soul as far as it is thought as its active transforming principle. In the treat *The Faculties to the Soul Follow the Mixture of the Body*, Galen poses that the state of the soul (health or illness), results, ultimately, from the body's mixture of what is ingested with the way we live. Based in this conception, Galen will build its moral reflection and dietary orientation or rules of life. More than a principle of the body, the soul, here, appears as its immediate consequence. My communication intends to discuss the Galen's argumentation and its implications for a constitution of a soul therapy, (that is, for the moral behaviour) which will depend on a life's regimen in a broader sense.

KEYWORDS: GALEN. MATERIALISM. FINALISM. BODY AND SOUL. MEDICINE. MORAL.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Galen selected works: a new translation*. Trad., introd. e notas de P. N. Singer. Oxford, Oxford University Press, 1997.

*OEuvres anatomiques, physiologiques et médicales de Galien*. C. Daremberg (ed.) Introd., trad., e notas de C. Daremberg. Paris: J. B. Baillièrre, 1854-1856. 2 v.

*OEuvres médicales Choiesies*. Ch. DAREMBERG (Trad.). Ed., apres. e notas de A. PICHOT. Paris: Gallimard, 1994. v. 1.

*Galien. OEuvres médicales Choiesies*. Trad., introd. e notas de Ch. DAREMBERG. Paris: Gallimard, 1994. v. 2.

\_\_\_\_\_. *L'âme et ses passions. Les passions et les erreurs de l'âme. Les âmes suivent les tempéraments du corps*. Tradução e notas de V. Barras, T. Birchler, A-F. Morand, Paris: Les Belles Lettres, 1995.

\_\_\_\_\_. The affections and errors of the soul. In: *Galen selected works: a new translation*. Trad., introd. e notas de P. N. Singer. Oxford, Oxford University Press, 1997. p. 100-149.

\_\_\_\_\_. Que les moeurs de l'ame sont la conséquence des temperaments du corps. *Oeuvres Anatomiques, Physiologiques et Médicales de Galien*. C. Daremberg (ed.) Introd., trad., e notas de C. Daremberg. Paris: J. B. Baillière, 1854-1856. v.1, p. 47-91.

\_\_\_\_\_. The Soul's Dependence on the Body. In: *Galen selected works: a new translation*. Trad., introd. e notas de P. N. Singer. Oxford, Oxford University Press, 1997. p. 150-176.

\_\_\_\_\_. De l'utilité des parties du corps humain. In: DAREMBERG, C. (Ed.). *OEuvres Médicales Choiesies*. Introd. e notas de A. Pichot. Paris: Gallimard, 1994. v. 1.

\_\_\_\_\_. De l'utilité des parties du corps humain. *Oeuvres Anatomiques, Physiologiques et Médicales de Galien*. C. Daremberg (ed.) Introd., trad., e notas de C. Daremberg. Paris: J. B. Baillière, 1854-1856. v.1, p. 168-706.

\_\_\_\_\_. Des facultés naturelles. Des lieux affectés. De la méthode thérapeutique, à Glaucon. In: DAREMBERG, C. (Ed.). *OEuvres médicales Choiesies*. Introd., Trad. e notas de C. Daremberg. Paris: Gallimard, 1994. v. 2.

\_\_\_\_\_. My own books. In: *Galen Selected Works: a New Translation*. P. N. Singer (ed.) Introd., trad. e notas de Singer, P. N. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 3-22.

\_\_\_\_\_. *On the natural faculties*. Trad. De Brock, A. W. Cambridge: Loeb Classical Library, 1979.

\_\_\_\_\_. The order of my own books. P. N. Singer (ed.). In: *Galen Selected Works: a New Translation*. Introd., trad. e notas de P. N. Singer. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 21-9.

\_\_\_\_\_. *A Translation of Galen's Higiene (De sanitate tuenda)*. Trad. de R. M. Green. Introd. de H. E. Sigerist. Springfield: ILL, 1951.

ARISTOTLE. *Parva naturalia*. Introd. de D. Ross. Oxford: Oxford University Press. 2000.

CAIRUS, Henrique. "A fisiologia do espírito na Grécia Antiga". *Revista Calíope: Presença Clássica*, n. 14, 2006. [www.lettras.ufrj.br/pgclassicas/CVHC.htm](http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas/CVHC.htm).

O' BOYLE, C. *The art of medicine: medical teaching at the University of Paris, 1250-1400*. Leiden, Boston: Brill, 1998.

PESENTI, T. 'Articella' dagli incunabuli ai manoscritti: origini e vicende di um titolo (estrato). In: COCHETTI, M. (Ed.). *Mercurius in Trivio. Studi di Bibliotecnica per Alfredo Serrai nel 60 compleanno (20 novembre 1992)*. [S.l.]: Bulzoni Editora. p.128-145. 199.

PLATÃO, *Timée, Critias*. Introd. e trad. de L. Brissom. Paris: GF Flammarion, 1999, p. 95-220.

\_\_\_\_\_. *Timeu. Crítias. O Segundo Alcibiádes. Hípias Menor*. Trad. De C. A. Nunes. Belém: EDUFPA, 2001. p. 49-147.

REBOLLO, R. A. Considerações sobre o estabelecimento da medicina no tratado hipocrático *Sobre a arte médica*. *Scientiæ Studia*, 1, 3, p. 275-97, jul./set. 2003.

\_\_\_\_\_. O legado hipocrático e sua fortuna no período greco-romano: de Cós a Galeno. *Scientiæ Studia*, 4, 1, p. 45-82, jan/mar., 2006.

SINGER, P. N. *Galen selected works: a new translation*. Trad., introd. e notas de P. N. SINGER. Oxford: Oxford University Press, 1997.